

**NEWTON FIGUEIREDO**

Fundador e presidente do grupo SustentaX

## Um pacto para uma São Paulo sustentável

A revisão do Plano Diretor para a cidade de São Paulo é um momento para que a população discuta e opine sobre como melhorar nossa cidade e quais caminhos devemos seguir para torná-la cada vez mais sustentável.

Caos no trânsito, enchentes, falta de moradias, violência, imobilidade crescente, saúde e educação ainda carentes, um saneamento que não é para todos, poluição dos rios e do ar... E é bom que se diga: não é um privilégio da cidade de São Paulo e sim do rápido movimento populacional na direção das cidades das últimas décadas pelo êxodo rural. O Brasil é dos poucos países com enorme extensão territorial e elevadíssima concentração populacional nas cidades, por volta de 85%.

Pesquisa da Datafolha (julho/2012), mostrava que há 23 anos o transporte público e a violência são as principais queixas dos eleitores paulistanos. Estamos caminhando para cada vez menos mobilidade com excesso de veículos, vias congestionadas e transporte público insuficiente e, em muitos casos, de baixa qualidade. Temos regiões de grande concentração de novas edificações, mas sem infraestrutura, onde o congestionamento acontece nas garagens já que as ruas estão lotadas de carros! Por outro lado, áreas providas de toda infraestrutura estão subutilizadas, como o centro da cidade, que poderiam dar importantes contribuições para

**Devemos parar de importar soluções que não condizem com nossa realidade de carências sociais e problemas decorrentes do desenvolvimento caótico**

uma vida mais sustentável onde moradia, lazer e trabalho conviveriam requerendo menor mobilidade.

A falta de mobilidade acarreta elevação de custos, baixa produtividade e uma série de outros problemas, que somadas à insegurança, deficiências nas áreas de saúde, educação, afetam a qualidade de vida de todos os cidadãos paulistanos. Na pesquisa IBOPE/Nossa São Paulo, divulgada em janeiro deste ano, fica evidente a insatisfação em 82% dos itens relacionados à qualidade de

vida, que receberam notas inferiores à média de 5,5, como, por exemplo, saúde (tempo médio entre marcação e realização das consultas), qualidade do ar, desigualdade social, mobilidade e segurança. Temos que saber responder à pergunta: que patamar de qualidade de vida queremos ter para nossa população em nossa cidade daqui a 30 anos?

Obviamente que as soluções dependem da mobilização de toda a sociedade e suas lideranças setoriais em busca de alternativas para que São Paulo se torne uma cidade mais sustentável e condizente com todo potencial humano, intelectual, acadêmico, empresarial e econômico que abriga.

Uma forma de caminharmos seria através da mobilização das diversas instituições representativas da heterogênea sociedade paulistana para construir um planejamento democrático e participativo, independente de promessas e urgências, para a criação de um pacto sobre que cidade queremos para nossos filhos e netos, em uma visão de 30 anos (uma geração). Um alerta deve ser feito: devemos parar de importar soluções que não condizem com nossa realidade de carências sociais e problemas decorrentes de seu desenvolvimento caótico. Os estudos devem ser desenvolvidos pelos excelentes profissionais brasileiros que vivem nossa realidade diariamente.

Compatibilizar os anseios da sociedade paulistana com os orçamentos previstos e com as inter-relações com outros municípios será um grande desafio que precisa ser discutido abertamente e de forma democrática para a construção de uma cidade melhor para todos.

Sem um planejamento que conte com a participação da população, aprovado e fiscalizado pela sociedade não conseguiremos modificar o quadro atual de crescente imobilidade e perda de qualidade de vida para os paulistanos. Está em nossas mãos esta São Paulo melhor e mais sustentável. ■